

Os sujeitos históricos e a disputa de identidades e narrativas no filme *Narradores de Javé*.

O filme *Narradores de Javé* traz um leque de interpretações e reflexões possíveis para pensar sobre várias questões como memória, patrimônio, identidade e narrativas. Escolhi alguns personagens para analisar relacionando com os sujeitos históricos e suas disputas de memória, identidade e narrativas na construção do livro que iria contar a história do município fictício de Javé, no qual se constrói o enredo do filme

O primeiro personagem a ser entrevistado pelo escrivão é o Senhor Vicentino (Nelson Dantas), que logo de primeira saca uma garrucha e afirma ter pertencido ao Indalécio. Nesse ponto já inicia a primeira versão da história do povoado de Javé, que teria surgido a partir de um bando fugido de uma guerra contra a coroa que foi vagando até encontrar um lugar onde se estabeleceram e fundaram Javé, e o líder desse bando era Indalécio. De certa maneira essa versão é compartilhada por quase todos os entrevistados, o que muda é como cada um coloca a sua identidade na história.

Interessante perceber como a figura de Indalécio se configura como a idealização do herói fundador, figurado em um cavaleiro com as características de São Jorge, representa uma clara herança da tradicional historiografia positivista. Outro fato relevante a ser destacado é que na caminhada do bando liderado por Indalécio, o povo carregava um sino que representava o sagrado. Voltando ao senhor Vicentino, o personagem em sua narrativa afirma ser da família do herói fundador e assina com o sobrenome do mesmo.

A personagem Dona Deodora (Luci Pereira) declara em sua fala a presença de uma mulher, denominada Maria Edina (Luci Pereira), que fazia parte do bando comandado por Indalécio e teria participado ativamente da fundação de Javé, mas não era reconhecida sua importância pelo fato de ser mulher. Na cena, Dona Deodora é prontamente interrompida pelo personagem Firmino (Gero Camilo), afirmando que na versão da história que ele conhece Maria Edina era uma “louca” que andava com o bando e defende ferrenhamente seu ponto de vista.

A partir do fato de Maria Edina podemos relacionar e refletir com o apagamento das mulheres na história, pois uma mulher que teria sido importante em uma determinada narrativa em outra é representada como louca. Isso demonstra claramente o lugar subalterno que a mulher é colocada nas disputas de memórias e narrativas no interior de

uma sociedade machista e patriarcal, nunca visto como uma guerreira ou heroína, e quando é apresentada assim, logo é questionada e colocada no lugar de “louca”.

O último personagem entrevistado é Pai Cariá (Bene Silva), líder de um “quilombo”, e em sua narrativa afirma que seus ancestrais teriam vindo da África e se estabelecido ali há muitos anos atrás, e que o verdadeiro herói fundador de Javé era chamado de Indaleu. O escrivão Antônio Biá (Jose Dumont) se assusta pela ausência de Indalécio na história e não dá muita credibilidade para versão de Pai Cariá.

Interessante observar nesse caso, como que quando a figura de Indalécio o fundador cavaleiro branco é negado e em seu lugar é colocado Indaleu, um herói negro que teria vindo da África e liderado o bando, a versão é considerada sem credibilidade pelo escrivão. Podemos refletir nessa questão como a memória do povo negro e as heranças de matriz africanas são vistas com um olhar de desconfiança e tratadas como inferiores em uma sociedade conservadora.

Essas versões apresentadas por cada personagem representam claramente uma disputa de narrativas, memórias e identidades. Cada personagem conta sua história pautada na memória de seus antepassados, buscando reconhecer e validar a sua identidade. Valorizam em sua narrativa a cultura dos seus povos. Demonstrando como a construção da história é uma constante disputas de memórias e narrativas.